



## ADAUTO GONDIM

O nome era Adauto Soares Godinho... Mas, ao começar sua vida literária, publicando seus primeiros trabalhos na "Gazeta de Notícias", de Fortaleza, os tipógrafos implicaram com o "Godinho" e abreviavam para *Gondim*. E o nosso poeta não contrariou o desejo dos tipógrafos e passou a assinar as suas trovas como *Adauto Gondim*.

Nasceu no sítio Andreza, a 12 quilômetros de Pedra Branca, sobre a Serra de Santa Rita, na parte central do Ceará, no dia 17 de janeiro de 1915. Filho de José Soares Godinho e Nássaria Soares de Nazaré Adauto é antigo jornalista, foi Delegado Regional de Ensino e estudante de Direito. Em



Direitos exclusivos em língua portuguesa (Brasil, Portugal e colônias) da presente Coleção, adquiridos pela Casa Editora Vecchi Ltda., Rio de Janeiro.

Printed in Brazil.

MCMLXIII

1953, disse-me com muito humor que já interrompera seus estudos quatro vezes mas nem que fosse aos setenta anos teria que se formar... Nessa conversa — gravada em fita — Adauto Gondim com seu espírito jovial e simples, contou-me passagens pitorescas de sua vida e falou muito sobre trovas e trovadores. Grande apreciador do folclore, refere-se com admiração a Leonardo Motta, aos cantadores populares Cego Aderaldo, Anselmo, Jacob Passarinho. Aos trovadores, já falecidos, de sua terra: Antônio Sales, Vital Bizarria, Alvaro Martins, Júlio Brandão, e aos vivos: Cruz Filho, Filgueiras Lima, Júlio Maciel, Stefânia Bezerra, Augusta Campos e outros.

Há uns vinte e cinco anos, mais ou menos, li uma trova no Correio da Manhã. ("Para o Album de Mlle...") e que trazia o nome — naquela época ainda desconhecido para mim: Adauto Gondim. Gostei da simplicidade, fluência e concepção da quadra:

"Saudade — alívio das dores.  
E dentro da alma se estampa  
como um canteiro de flores  
plantado sobre uma campã."

Decorei a trova e guardei o nome do autor. Foi ela pois, o cartão de visita de Adauto. Somente alguns anos mais tarde, conversando com o poeta Elmo Elton, pude localizar o poeta Adauto Gondim no Ceará. E, desde então, mantivemos uma constante correspondência e foi crescendo nossa amizade. Mas, é claro, que ao escrever estas linhas de introdução ao livro de Cem Trovas de Adauto Gondim não é somente o amigo que fala mas, sobretudo, o antigo pesquisador e apreciador de trovas.

Em 1951, divulgando as trovas do poeta de Pedra Branca pela Imprensa do Brasil e de Portugal, assim escrevi numa página mimeografada:

"E' um primoroso trovador. Suas trovas são repletas de doçura, harmonia e sentimento. De grande espontaneidade, talento e fecundidade, Adauto Gondim é um dos maiores trovadores vivos do Brasil."

Cada leitor escolherá, entre as cem, as trovas de seu agrado. Mas não resisto à tentação de apontar algumas. Esta, tão singela e emotiva:



“Da minha vida mesquinha  
suporto as dores cantando,  
pois minha mãe — coitadinha! —  
não pode me ver chorando.”

Se, na que leram é o filho amoroso  
que fala, nesta outra é o esposo e o  
pai que confia:

“Meu destino de troveiro  
foi o lar que Deus me deu,  
minha filha e um jasmineiro  
plantado num chão que é meu.”

As vezes usa também a ironia:

“Nunca me chames de ingrato  
porque com outra casei:  
podia eu, metal barato,  
dar liga a ouro de lei?”

Conta Aduauto, com muita graça, na-  
quêle seu sotaque de nortista, o seguin-  
te: Certa ocasião convidaram-no para  
assistir a uma festa de casamento. No  
meio da festa, sabendo das suas quali-  
dades de trovador, começaram a insis-  
tir para que dissesse uma trova dedi-  
cada aos noivos. Tanto foi a insistência  
que o nosso trovador saiu-se com esta:

“Lá vem os noivos chegando...  
Assisto a festa... E, depois,  
fico, invejoso, pensando  
na festa só deles...”

E à minha pergunta se houvera pro-  
testo ou silêncio ou qual fôra o des-  
fecho, respondeu: “Houve silêncio —  
como era natural, o noivo ficou rubro  
que parecia uma flor de mandacará —  
não sei se vocês conhecem o fruto do  
mandacará?... parece que o noivo  
perdeu o apetite e a festa terminou  
mais cedo que estava sendo marca-  
do... e eu fiquei desambientado — co-  
mo era natural — diante da reação...  
mas felizmente terminou em nada...”

Este é o trovador que irão apre-  
ciar... Espontâneo, jovial, lírico, sen-  
timental.

LUIZ OTAVIO  
Rio, 13-II-1963

Páginas seguintes, as 100 Trovas de Aduauto Gondim  
digitalização em 19.7.2009

1

Da trova fiz o meu pão  
minha cantiga inocente,  
a voz do meu coração  
e o sentir da minha gente.

2

De meus idílios, o fado  
me traz em triste labor:  
quanto mais sou desprezado  
mais aumenta o meu amor.

3

Prometo dar-te um milhão  
de beijos, se me disseres  
quem tem o meu coração  
que perdi entre as mulheres.

4

Vendo-te assim tão formosa,  
de porte esbelto e sereno,  
para intrigar uma rosa  
chamei-te cravo moreno.

5

Nosso amor, que se renova,  
aumenta em tal proporção  
que não cabe numa trova  
nem dentro do coração.

6

Da distância em que me vejo  
quero ir pelos espaços  
voando para o teu beijo,  
fugindo para os teus braços.

7

Saudade — alívio das dores  
e dentro da alma se estampa  
qual um canteiro de flores  
plantado sobre uma campa.

8

Parece uma coisa louca:  
para aumentar meu desejo  
eu vejo que tua boca  
Deus fez em forma de beijo.



9

Quem tiver a alma doente  
não fuja dêste caminho:  
recorde a mulher ausente  
faça trova e tome vinho.

10

Penso em ti de olhos fechados  
e o pensamento **profundo**:  
ah! se eu vivesse ao teu lado  
para glória do meu mundo!

11

Sôbre minha enfermidade  
disse o doutor, com razão;  
é o germe de uma saudade  
destruindo o coração.

12

No teu jardim, entre flôres,  
feliz estou ao teu lado:  
meu calendário de dôres  
hoje marcou feriado.

13

Rico de amor como eu  
não há quem possa igualar,  
e o muito que Deus me deu  
é pouco para te dar.

14

Mulheres que estão me olhando  
pensando no mesmo assunto,  
são como freiras rezando  
na intenção de um só defunto.

15

Deus pensou em nós. Primeiro,  
para esculpir nosso amor,  
deu-me uma alma de troveiro,  
deu-te ternura de flor.

16

Adoro a treva ao açoite  
do vento que não tem dono:  
Deus fez o escuro da noite  
para a carícia do sono.

17

Não sei de maior pecado:  
não sou santo e, como tal,  
vi meu retrato guardado  
dentro do teu manual.

18

Quando os raios prateados  
do luar beijam a noite,  
pede a saudade pernoite  
nos corações namorados.

19

Meu coração triste e frio,  
sofrendo sempre em segredo,  
faz lembrar ninho vazio  
na solidão do arvoredo.

20

No silêncio da avenida,  
passeando pela alfombra,  
um casal desenha a sombra  
do destino de outra vida.



21

Amor que passou — rosário  
de saudade e de ilusão,  
folhinha de calendário  
que a gente atira no chão.

22

Eu quando tiver certeza  
que meu bem já não me quer,  
irei matar a tristeza  
nos braços de outra mulher.

23

Meu coração, se a esperança  
dentro dêle se renova,  
se alegra qual a criança  
que veste uma roupa nova.

24

Amor-perfeito suponho  
se houvesse seria assim:  
ela dentro do meu sonho,  
seu sonho dentro de mim.

3 — Trovas — 15

25

De feia, se alguém te chama  
nunca diz porque razão  
à feia, que sente e ama,  
Deus também deu coração.

26

Não te valeu Santo Antônio,  
teu santo casamenteiro,  
recorre agora ao demônio,  
procura um catimboseiro.

27

Inverno — a terra se veste  
de flôres em profusão,  
sòmente a minha alma agreste  
vive em eterno verão.

28

Inda recordo, querida,  
foi numa noite de lua,  
te beijei e a minha vida  
se misturou com a tua.



29

Maria, quando eu morrer,  
se Jesus me condenar,  
deve também se perder  
quem tanto me fêz pecar.

30

Só porque vivo te amando,  
pelo bem que tu me queres,  
eu sei que vivem chorando,  
com inveja, outras mulheres.

31

Trouxe o tempo radiosa  
nova aurora à tua sina;  
botão transformado em rosa,  
hoje môça, ontem menina.

32

O tempo com paciência,  
roubou meu sonho de Fada,  
levou minha adolescência  
e envelheceu minha amada.

33

Meu destino de tropeiro  
foi o lar que Deus me deu,  
minha filha e um jasmineiro  
plantado num chão que é meu.

34

Minha vida é uma balança  
pesando, com igualdade,  
a tua eterna lembrança  
e a dor da minha saudade.

35

A dor que minha alma corta  
de maneira aguda e infinda,  
é ter-te à conta de morta  
sabendo que és viva ainda.

36

As trovas que estou compondo,  
com a mais ardente emoção,  
são aves que vão deixando  
o ninho do coração.



37

Eu sei da dor que sacode  
tua alma louca de amar,  
mas sei também que se pode  
fazer essa dor passar.

38

As tuas faces de santa  
têm encanto de arrebol  
e eu sou o galo que canta  
saudando a ti que és meu sol.

39

Tu me negaste carinhos,  
fugindo dos meus amôres:  
planta velha, com espinhos,  
morrê despida de flôres.

40

Dá de graça o que recebes  
de graça se diz, em suma,  
e o que te peço e me negas  
não te custou coisa alguma.

4 — Trovas — 15

41

Eu gosto de ver Maria  
a se banhar na lagoa,  
qual uma garça bravía  
que se enxerga a gente, vòã.

42

Fui à missa e rezei muito,  
depois de haver comungado,  
deixei a igreja e encontrei-te:  
nem Deus evita o pecado.

43

Nunca me chames de ingrato  
porque com outra casei:  
podia eu, metal barato,  
dar liga a ouro de lei?

44

Para quem têm coração  
sofrendo por seus amôres,  
foi que se fêz violão  
e o canto dos trovadores.



45

Quando sôbre a natureza  
cai a noite escura e calma,  
é como o véu da tristeza  
descendo sôbre minha alma.

46

Na minha cova — meu leito  
eterno — por caridade  
ninguém plante amor perfeito,  
dou preferência à saudade.

47

Na história da minha vida  
nunca mais falei em dôres  
depois que te vi, querida,  
na estrada dos meus amôres.

48

A trova é gemido brando,  
breve cantiga inocente,  
que dizemos suspirando,  
pensando na amada ausente.

49

Longe de ti, com certeza,  
não suporto a soledade...  
Sei que morro de tristeza  
que me acabo de saudade.

50

Quando te vejo passando  
com teu porte de rainha,  
eu suspiro, relembrando  
o tempo em que foste minha.

51

Vem a saudade e, num instante,  
minha alma triste procura  
como um luar deslumbrante  
invadindo a noite escura.

52

É verdade que não queres  
entender a minha dor,  
e eu sei de muitas mulheres  
que morrem por meu amor.

53

Guarda a lembrança em meu peito  
de extinta felicidade:  
se existisse amor perfeito  
como seria a saudade?

54

Está tão lindo o luar!  
E eu trouxe o meu violão...  
Acorda, que vou cantar,  
vem ouvir meu coração!

55

Ao pecador abençôa,  
curar seus males procura:  
vê que a garça também vôa  
por cima da lama impura.

56

Nem sempre a face do espelho  
mostra exato as dimensões:  
há quem dê o bom conselho  
com segundas intenções.

5 — Trovas — 15



57

Meu amor em ti não medra,  
quem procura teus carinhos  
atira flôres em pedra  
dá beijos para os espinhos.

58

Tua promessa dourada,  
que me fizeste à partida,  
é promissória assinada,  
sem endôso e já vencida.

59

Meu coração delirante  
muitas mulheres amou  
e, embora tão inconstante,  
perto de ti sossegou.

60

Nas minhas faces desnudas  
eu recebi, com pavor,  
teu beijo como o de Judas  
vendendo Nosso Senhor.

61

No cofre do pensamento  
tranquei a minha paixão,  
e a chave, por meu tormento,  
foi cair na tua mão.

62

De quem favores te pede  
nunca procures fugir:  
só sabe a dor de quem pede  
quem precisa e vai pedir.

63

“Não mais te tenho amizade”  
Mandei-te, um dia, dizer.  
Mas só Deus sabe a saudade  
que sinto por não te ver...

64

Da minha vida mesquinha  
suporto as dôres cantando,  
pois minha mãe — coitadinha! —  
não pode me ver chorando.

65

Por mais que ocultes e prendas  
eu sei que trazes, formosa,  
nos seios, por entre rendas,  
dois lindos botões de rosa...

66

Meu coração sem carinho  
de teu amor, que tormento!  
É qual se fôsse um moinho  
parando à falta de vento.

67

Do amor que trago na mente  
confesso que nada espero:  
— Ela não diz o que sente,  
nem eu revelo o que quero...

68

Destaco a minha folhinha  
quando o sol nascendo vem:  
o calendário da vida  
mais um dia a menos tem...



69

Lá vem os noivos chegando...  
Assisto a festa... E, depois,  
fico, invejoso, pensando  
na festa só dêles dois...

70

Quem nega Deus, dá profundo  
mergulho da alma na treva  
e, ao morrer, deixando o mundo,  
qual a esperança que leva?...

71

Procura fazer o bem,  
que é fonte das harmonias,  
não faças nunca a ninguém  
o mal que tu não querias

72

Dos negros pecados teus,  
que Satã fez seu tesouro,  
tu pedes perdão a Deus  
através de um têrço de ouro.

73

Blusa verde, saia rubra,  
no teu corpo de criança:  
o rubro é meu desespêro,  
o verde a minha esperança.

74

Teus olhos que já entendem  
a minha ardente paixão,  
são olhos que me suspendem  
um palmo acima do chão.

75

Dou-te a prova, como queres,  
do meu grande amor, querida:  
entre as mais lindas mulheres  
fôste minha preferida...

76

Teu coração, já tristonho,  
vive num sono profundo:  
desperta! dou-te o meu sonho,  
vamos fazer outro mundo...

77

Vou beirando um precipício  
quando recebo os teus beijos:  
sinto em tua bôca o início  
do fogo dos meus desejos.

78

Teu olhar sereno e terno  
sôbre os meus olhos pousou,  
qual chuva de fim de inverno  
num campo que já secou.

79

Ela diz a tôda gente  
que me adora e me quer bem,  
mas, o que meu peito sente  
nunca direi a ninguém.

80

Vibrando as cordas do pinho,  
tu pedes para eu cantar:  
só canto se tomar vinho  
e se a noite fôr de luar...



81

Minha alma a tristeza invade,  
quando a tarde vai no fim,  
e eu fico a sentir saudade  
de quem não sente de mim.

82

Saudade — é tarde a findar,  
é amor que se acabou,  
é desejo de voltar  
ao tempo que já passou.

83

Como a nuvem que no espaço  
em fumaça se desfaz,  
são os castelos que faço,  
são meus sonhos de rapaz.

84

Quando deixei minha terra,  
em noite de lua cheia,  
trouxe saudades da serra,  
da gente de minha aldeia...

85

Como a ventura estou vendo  
ser também teu coração:  
só passa por mim correndo,  
nunca me deu atenção!

86

Saudade — doce lembrança,  
terna visão do passado,  
retalhos de uma esperança  
num coração desgraçado.

87

Não há no mundo conforto  
que a gente possa levar  
à mãe que vive a chorar  
a falta do filho morto.

88

Quem tiver amor desfeito  
fique, ao luar, violão,  
que as mágoas fogem do peito  
e as dôres do coração.

7 — Trovas — 15

89

Quando eu quero transformar  
minha vida em paraíso  
busco a luz de teu olhar  
e o encanto de teu sorriso.

90

Aos pés de Nosso Senhor  
eu sei que resas, enfim,  
pedindo por nosso amor,  
rogando só para mim.

91

Já cantei a imagem tua  
em trovas cheias de amor:  
nasci em noite de lua,  
por isso sou trovador.

92

Teu beijo dado com gosto  
na febre desta paixão,  
tem calor do sol de agosto  
nas várzeas do meu sertão.



93

Ao ver-te deu-se um milagre,  
minha alegria é sem fim,  
foi-se a noite e hoje se abre  
novo sol dentro de mim.

94

Do nosso amor a bonança  
terminou, nada mais resta  
senão a triste lembrança  
que vivo a sentir da festa.

95

Ao som da minha guitarra  
peço a Deus o teu carinho,  
ter coração de cigarra  
e a vida de um passarinho.

96

A trova que, suspirando,  
ao pôr do sol escrevi,  
é trova que fiz pensando  
nuns olhos que não mais vi.

97

Quando sinto o teu perfume  
de amôres' fico perdido,  
a ponto de ter ciúme  
(santo Deus!) do teu marido.

98

O fio d'água correndo  
do cume ao sopé da serra  
é o leite que está descendo  
dos seios virgens da terra.

99

Não há quem pague inocente.  
A dor tem sua razão.  
Portanto sê paciente  
e espera a compensação.

100

Quando a tarde triste e fria  
cai sob um céu nevoento,  
costumo chamar meu dia  
de saudade e de tormento...



Composto e impresso  
nas oficinas da  
CASA EDITORA VECCHI LTDA.  
Rua do Resende, 144  
Rio de Janeiro.

Fim